

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira.

FOLK-LORE LANHOZENSE

(Continuada do n.º 18)

90

Anda cá o Amor de outro
Já que meu não podes ser
Pois a culpa não é minha
Mulher que lhe hei-de eu fazer.

91

Aqui tens meu coração
E a chave para o abrir
Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que lhe pedir.

92

Fui a fonte para te ver
Ao rio para te fallar
Nem na fonte nem no rio
Nunca te pude encontrar.

93

Amor firme como eu
Tu não encontras não, não,
Ainda que corras o mundo
C'uma candoia na mão.

94

O A é a primeira letra
Que se põe no abecê
Quem quer bem trata por tu
E não por vocomece.

95

Eu já me senti morrer,
Achei o morrer tão doce,
Mil vezes a vida d'osse
Se o morrer sempre assim fosse.

96

O amor que tanto amei
Esqueceu o juramento
Como o rio esquece a rosa
Que retrata n'um momento.

97

Por te amar deixei Deus
Confesso que me perdi
Agora vejo-me só
Sem Deus, sem amor sem ti.

98

Olhos azues não tem graça
Olhos pretos graça tem,
Os olhos do meu amor
São pretos ficam-lhe bem.

99

Dentro do meu coração

Mais pena nenhuma cabe,
Alguem ha que sabe alguma
Mas outras só Deus as sabe.

100

Se tu me quizeres dar
O que eu te quero pedir,
Já se vê que tu não queres,
Mas não custa nada ouvir.

101

Dizes que me queres muito
E que por mim tens paixão
Mas não me tiras o espinho
Que tenho no coração.

102

No jardim dos meus amores
Trabalhei um anno inteiro
Mas um mais adiantado
Comeu o fructo primeiro.

103

Guardo fechado no peito
Qual prenda d'alto valor
A carta que me escreveste
Em que me juras Amor.

104

O meu Amor prometteu-me
De nunca mais me doixar,
E eu jurei ser sempre d'elle
Em quanto me não trocar.

105

Que linda caçada tens
Arrojado caçador,
Que em vez de penas de ayos
Só trazes penas d'Amor.

106

Papagaio perna verde
Não venhas ao meu jardim
Todas as penas se acabam
Só as minhas não tem fim.

107

Gosto, prazer e alegria
Em penas se transformou
O tempo de eu ser feliz
Tão depressa se acabou.

108

Eu ouvi dizer um dia
A quem não sabe mentir
Que o meu querido anor
Em breve me ia fugir.

109

Fui á fonte dos amores
Passei pela dos cuidados

Enchi o cantaro de rosas
Fiz a rodilha de cravos.
(Continúa) A. B.

LENDAS BRAZILEIRAS

I

A RAPOSA E A ONÇA

Não façam bem sem saber a quem.

Um dia a Raposa, estando a passear, ouviu um ronco:

Hum, hum, hum!

—O que será aquillo? Eu vou ver.

A Onça avistou-a e disse-lhe:

—«Eu fui nada, dentro d'este buraco, cresci, e agora não posso sahir! Ajudas-me tu a tirar esta pedra?

A Raposa ajudou, a Onça sahio. A Raposa perguntou-lhe:

—O que me pagas?

A Onça que estava com fome respondeu:

—«Agora vou-te eu comer.

Agarrou a Raposa, e perguntou-lhe:

—«Como é que se paga um beneficio?

A Raposa respondeu:

—O Lem paga-se com o bem.

Ali perto ha um homem que sabe tudo, vamos lá perguntar-lh'o.

Atravessaram para uma ilha; a Raposa contou ao homem que tinha t'rado a Onça do buraco e que ella em paga d'isso a quiz comer. A Onça disse:

—«Eu a quero comer, porque o bem se paga com o mal.

O homem disse:

—Está bom, vamos ver a tua cõya.

Foram todos tres; e o homem disse á Onça:

—Entra que eu quero ver, como tu entravas.

A onça entrou; o homem e a Raposa rolaram a pedra, e a Onça não poudé mais sahir. O homem disse:

—Agora tu ficas sabendo que o bem se paga com o bem.

C. de M.

SANTA BARBARA! S. JERONYMO!

S. BRAZ!

Um dos maiores poderes magicos nos cultos da Chaldêa é o nome *secreto* do deus; domina todos os males, afasta todos os terrores. Entre os povos semitas propagou-se esta crença, è o *Schem* a propriedade divina immanente no proprio nome, que se conserva secreto ou não pronunciado, como o de Jehová entre os judeus.

Diz Leuormant: "Todos sabem que desinvolvimento a crença no nome todo poderoso e occulto do deus teve entre os judeus talmudistas e catalistas, e quanto é geral entre os arabes. Nós hoje vemos duma maneira positiva que essa crença veio de Chaldêa."

Em um povo em que ponderou a influencia e cultura arabe, e em que o elemento meuresco provocou a revivescencia do typo iberico primitivo, comprehende-se a conservação da crença na virtude dos nomes. Para o povo,

invocar *Santa Barbara!* *S. Jeronymo!* livra das trovoadas: *S. Braz!* livra de morrer engasgado. *Vendo-se* desfilhar um meteoro, diz-se; *Senhora da Guia!* E quando se tem uma agonia, um susto, grita-se por *Jesus!*

A *nomina* resulta da crença no poder do nome, o qual se traz escripto em uma bolsinha ao pescoço.

HISTORIA DE PORTUGAL NA VOZ DO POVO

Por fim fez-se a revolução de 1640, em que o povo portuguez sacudiu o jugo castelhano, dirigido pelo tino politico do grande cidadão João Pinto Ribeiro. O povo não conhece este heroe nacional, mas tambem não glorifica D. João IV, como o fazem estultamente as commissões patrioticas do 1.º de Dezembro. O povo fez o confronto do governo dos Philippes com o do começo do despotismo bragantino; em uma carta dos Jesuitas de 1641, que se conserva nos manuscriptos da Academia de Historia de Madrid, acha-se este pasquim popular contra D. João IV.

Bom Rey teemos,
Boa Reyna e bons Infantes;
Mas o governo
Peor que d'antes. (1)

O povo referia-se ao abandono das colonias do Brazil aos Hollandezes e á entrega

de Bombaim aos Inglezes; e sem formular o seu juizo sobre as devassidões de Affonso VI e do crime de D. Pedro II, synthetisa a evolução historica de todo o reinado de D. João V, retratando-o n'esta quadra epigrammatica:

Nós tivemos cinco Reis,
Todos chamados Joões,
Os quatro valem milhões;
O quinto nem cinco réis.

E os amores escandalosos do monarcha com uma mulher casada, D. Luiza Clara de Portugal, que os Nobiliares dão como a celebre *Flôr da Murta*, foram tambem satyrisados n'essa outra cantiga:

Oh Flôr da murta,
Raminho de freixo;
Deixar de amarte,
E' que eu te não deixo.

O reinado de D. José sob a acção exclusiva do Marquez de Pombal, esse que segundo a vez do povo *tinha cabellos no coração*, é apreciado por um meio indirecto; comparando-o com os atusos e insensatez do *intolerantismo* do reinado de D. Maria I; assim perpetuou-se o anexim:

Mal por mal,
Antes o Marquez de Pombal.

E exprimindo o juizo sobre a reacção da cõrte de D. Maria I, que destruia systematicamente as reformas do

Marquez de Pombal, chegando até á estulticia de mandar tirar o medalhão do ministro do pedestal da Estatua equestre, substituindo-o pelas armas de Lisboa, que são um navio, o povo fez esse outro refrem:

Adeus Portugal,
Que te vãs á vela.

O principe D. José, que seguia as ideias administrativas do Marquez de Pombal, morreu repentinamente; e o principe D. João, depois do Arcebispo Confessor ter governado este paiz á custa da desorganisação mental de D. Maria I, tomou conta das *rédeas do governo*, como então se dizia, porque o povo era considerado a besta de carga. O povo retratou o principe regente D. João VI, n'este pasquim:

Nós temos um Rei
Chamado João,
Faz o que lhe mandam,
Come o que lhe dão,
E vae para Mafra
Resar canto-chão. (1)

Quando D. João VI se prestou a ser instrumento passivo da Inglaterra reagindo contra o bloeus continental de Napoleão I, provocou a invasão dos exercitos francezes em Portugal sob o commando de Junot; a dynastia de Bragança fôra deposta em um artigo da gazeta official, já o general Junot estava em

Abrantes aquartelado, e ainda D. João VI ignorava tudo o que se passara; o povo fez-lhe esse celebre epigramma, que hoje se repete como proverbio:

Quartel genaral de Abrantes,
Fica tudo como de antes.

De facto ficou tudo como de antes, porque o Rei paternal abandonou o seu povo fugindo para o Brazil com as riquezas da corôa e com os dinheiros dos cofres da nação, indo viver vida de Sardanapalo no palacio de S. Christovam, mandando ensinar musica aos pretos para abrilhantar a sua capella, e enviando decretos para Portugal. Junot foi celebrado em muitas cantigas populares cheias de improperios. A nação, tendo resistido aos exercitos francezes do Imperio, viu-se sob um jugo mais duro, esse protectorado inglez exercido por lord Beresford, contra o qual foi preciso uma revolução nacional, a celebre Revolução de 1820, em que Manuel Fernandes Thomaz egualou o vulto sublime de João Pinto Ribeiro.

Theophilo Braga.

1 Ms. legado suelto, n.º 1, fl. 818, vuelto; ap. Fernandes de los Rios, *Mi Mission*, p. 90.

1. Ap. Joaquim de Vasconcellos, *Os Musicos Portuguezes*.